

5

Identidades Sociais Hegemônicas, portal ontológico para modelos culturais

Até agora tenho procurado entender os pára-quedistas com quem conversei enquanto inseridos em suas redes de relacionamentos e interações profissionais, mediante seus próprios entendimentos acerca do grupo que constituem e acerca de si próprios enquanto *self's*, influenciados ao mesmo tempo que influenciam seus contextos sócio-culturais, marchando na cadência que os situa em seu meio histórico (Mishler, 1999:16). Enquanto grupo, e por meio de processos interpessoais e interativos, esses combatentes opõem-se a outros grupos de combatentes, dentro da Força, reservando-se um lugar 'diferente' (usando o termo instanciado por eles) e por conseguinte identificando-se como uma coletividade. Os conhecimentos e visões entendidos como importantes pelos pára-quedistas são do mesmo modo entendidos por todo e qualquer militar do Exército Brasileiro. No entanto, tais atributos são redefinidos pelos pára-quedistas, que os reinterpretem e os recontextualizam em nuances nas falas e narrativas ao desempenharem suas identidades sociais, re-significando e sendo re-significados por tais virtudes.

Deste modo, os pára-quedistas participantes desta pesquisa compartilham conhecimentos e visões de mundo a partir dos quais constroem os contextos e enquadres para a produção, a interpretação e o desempenho de suas narrativas, uma prática que age fortalecendo os mesmos conhecimentos e visões de mundo.

Olhando para esses combatentes sob o enfoque do coletivo, a análise das narrativas e discursos produzidos por meus pares-entrevistados traz questões que considero importantes serem discutidas. Pude perceber que, no processo de expressão de suas identidades sociais, esses combatentes pára-quedistas constroem identidades sociais hegemônicas. Refiro-me, em especial, às identidades hegemonicamente masculinas instanciadas em suas falas. Essas identidades hegemonicamente masculinas abrem, naquela comunidade, um portal identitário muito próprio de combatentes que se constroem como voluntariamente devotados à defesa da soberania de uma nação: surge de suas narrativas o herói. O herói que surge das falas dos pára-quedistas traz fortes marcas do herói romântico, isto é, moderno, no entanto percebi em suas falas o surgimento de um herói banhado de camuflagens pós-modernas. Os pára-quedistas deixam ver a imagem

de um herói re-significado, que vive em tempos líquidos, circula por diferentes ambientes, preocupa-se com questões diversas e também duvida, confunde-se e questiona. Passo, neste momento de meu texto, a discutir tais identidades.

5.1

Identidades sociais hegemônicas – o herói construído nas narrativas dos pára-quedistas

O termo hegemonia deriva do grego, *hegemon*, que significa líder. Gramsci (1994) oferece um outro olhar para o termo, usando-o para se referir à manutenção de posições sociais dominantes, não pela força, mas por ideologias. As análises das narrativas dos pára-quedistas propõem que estes homens, enquanto tropa, constroem-se como dominantes dos saberes e fazeres da arte da guerra e do combate. Acredito que estarem convencidos de sua superioridade física, emocional, intelectual e moral funcione nesta coletividade de guerreiros, além que conferir-lhes distinção e superioridade aos demais combatentes dentro da própria Força que integram, como um diálogo onde interagem com uma figura que se faz sempre presente no meio combatente: a imagem do inimigo.

Como uma integrante da Força, percebo que a figura mística do ‘inimigo’, imaginado, é bastante trabalhada e elaborada neste meio. Menção é sempre feita ao inimigo como uma figura presente, como se cada militar devesse estar preparado para o surgimento súbito do perigo a qualquer momento, expressando reação rápida e pontual.

Desta forma, entendo que o discurso de poder hegemônico se funda como poderio de fogo na construção da figura do combatente poderoso, destemido e vitorioso ante seu inimigo. A hegemonia das identidades construídas nesta coletividade se dá em relação à imagem do inimigo, em um diálogo com este interlocutor, que acaba tendo uma função importante na construção de identidades dos combatentes: se não há inimigo, não há contra quem lutar. Um pára-quedista se constrói superior, acredito, como um recurso identitário que os nutre de força para derrotar seus potenciais inimigos.

5.1.1

**“Me dá muito prazer e orgulho por ser uma tropa de tradição”
(Capitão Vieira) – Tradição e doutrina**

À luz de Kiesling (2006), considero que as identidades masculinas construídas nas narrativas dos pára-quedistas sejam hegemônicas não apenas por serem controladas por uma elite (ainda que como uma ‘tropa de elite’ eles se refiram à tropa que integram) que domina determinadas posições sociais. Suas identidades masculinas são hegemônicas justamente por serem construídas e perpetuadas dentro desta ecologia pelos conhecimentos, interpretações e visões de mundo que compartilham em uma intrincada rede de práticas e ideologias que disponibilizam os sentidos a serem construídos para suas próprias práticas. As identidades hegemônicas dos pára-quedistas nascem da hegemonia do discurso que as constrói. Assim, a hegemonia do discurso pára-quedista é criada e mantida pela perpetuação do que chamam de ‘mística pára-quedista’, cujo um dos componentes é a ‘tradição’. Podemos observar o valor que esta tropa dá à tradição na fala do Capitão Vieira retirada do trecho intitulado “A gente cultua realmente ideais”, que transcrevo a seguir.

17	V		é, então só a parte aqui da tradição. nossa tropa
18			também, me chama muito a atenção, me dá muito prazer e
19			orgulho por ser uma tropa DE TRADIÇÃO. acho que: quem
20			assistiu aquele filme <i>band of brothers</i>

42	V		então a tradição que é o que? O CULTO A IDEAIS. A gente
43			cultua realmente ideais né? honestidade, brasilidade.
44			e, o PROFISSIONALISMO. é uma tropa profissional, o
45			pára-quedista É uma tropa profissional. e esse
46			profissionalismo, ele, se divide em dois aí. a
47			voluntariedade, que eu citei lá no início. então porque
48			isso aí é pessoal. e, a CAPACITAÇÃO TÉCNICA. então, TEM
49			que conhecer a profissão. não basta só querer. não
50			basta ser burrão e fortão. tem que ser inteligente, tem
51			que, buscar é é se aperfeiçoa:r, conhecer os
52			equipamentos que vão chega:ndo, CONHECER a doutri:na.
53			então é uma tropa também que TEM essas características.
54			a gente busca isso daí, busca atingir esse objetivo.
55			

Este pára-quedista orgulha-se por pertencer a uma tropa onde se faz tradição cultivar ideais de honestidade, brasilidade, profissionalismo, voluntariedade, capacitação técnica, coragem, preparo profissional, entre outros já mencionados

em meu texto. Nestes trechos retirados da entrevista com Vieira a tradição é topicalizada, isto é, menção explícita é feita a este ideal pára-quedista. Percebo que Vieira entende tradição como culto aos ideais institucionais (linha 42), ou seja, para este pára-quedista, uma tropa de tradição implica uma tropa que prima pela disseminação e perpetuação das ideologias, crenças e valores tidos como vitais neste meio. O sentido que Vieira constrói para tradição me faz pensar nas doutrinas e práticas institucionais que contribuem para a perpetuação de tais crenças e valores.

Faço menção aqui à minha dissertação de mestrado, intitulada ‘Discurso Pedagógico, prática de significação ideológica: uma visão da construção de identidades em contexto educacional militar’ (Bruno, 2005). Em tal trabalho volto meu olhar para as práticas lingüísticas institucionais vivenciadas na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) entendidas como veiculadoras das doutrinas preconizadas na Força. É importante mencionar que todos os oficiais combatentes pára-quedistas do Exército Brasileiro têm a AMAN como sua escola de formação. A AMAN é um estabelecimento de ensino superior, de formação, da linha de ensino militar bélico e desenvolve um programa de atividades pedagógicas, embasadas no Art 142 da Constituição Federal, com o objetivo de capacitar e valorizar recursos humanos para atuar em prol da garantia dos poderes constitucionais e de defesa da pátria. Naquela pesquisa, ao observar as rotinas diárias vividas pelos alunos da escola em questão, percebi que as práticas educacionais estavam todas voltadas para a proposta pedagógica da AMAN: “Ensinar o que é ser homem, soldado e cidadão” (DEP, 2005), como exposto no site da Diretoria de Formação e Aperfeiçoamento, órgão a que a AMAN está subordinada. Desta forma, pode-se perceber que existe todo um aparato pedagógico, desde a escola *mater* de formação dos pára-quedistas, voltado para a educação militar desses combatentes, sócio-construindo esses homens ao compartilhar valores e comungar ideologias.

Vieira entende, pois, a tradição da tropa pára-quedista enquanto a disseminação da doutrina. Percebo que a semente desta tradição encontra-se na formação primária de todos esses combatentes, iniciada na AMAN, que mais tarde é reforçada e recontextualizada pelos pára-quedistas na Brigada. Assim, existe todo um aparato educacional voltado para a construção do combatente, que neste trabalho aparece também na fala dos pára-quedistas com quem conversei.

Como propõe Vieira, tratarei do ideal pára-quedista ‘tradição’ como o culto aos ideais pára-quedistas, em outras palavras, a comunhão e disseminação da doutrina institucional.

Nos trechos seguintes, apresento momentos de minha interação com alguns dos meus entrevistados onde a questão da tradição enquanto polinização doutrinária é evidenciada em seus discursos.

A passagem seguinte é um trecho de minha conversa com o Capitão Marcos Almeida no momento em que falávamos sobre a condição de pronto-emprego do 26º BInfPqdt⁹.

21	D		[Que em princípio
22			ta todo mundo ↑pronto pra ser empregado, em algu- em
23			alguma missão
24	M		A gente sabe que na bucha na bucha, a gente não tem
25			cem por cento de disponibilidade, a gente sabe que não
26			é assim. né? dentro da realidade a gente sabe que ,
27			pô, não é o ideal, mas a gente faz a química que seja.
28			E eu gosto, justamente desse desafio de? De tentar
29			fazer o: >pelo menos na minha companhia, né?< na
30			companhia que eu comando, fazer ela ser o máximo
31			possível, pronto emprego. então é: adestramento, é o
32			treinamento físico, é o próprio: o valor moral do
33			solda:do, né? a gente tenta sempre trabalhar assim,
34			né? aí esse valor moral né? é um, é um cabedal de de
35			atributos da área afetiva que têm que ser trabalhados,
36			né? e, pô, () muito, eu hoje vejo a importância de
37			um tenente pra apoiar, um capitão dentro de uma
38			companhia. pô. É essencial que o comandante de pelotão
39			seja um camarada também, chivunca:do ((com muita
40			garra)), que tenha, pô, iniciativa, que tenha
41			vonta:de. É o que a gente fala. Oficial e sargento,
42			ele sempre tá dando exemplo. Ou bom, ou mal. Mas ele
43			[↑sempre tá dando exemplo

Entre as linhas 28 e 36 identifico uma narrativa genérica. Percebo que o ponto da narrativa é enaltecer a ação de comando do próprio narrador, que se constrói como um comandante superior aos outros de sua unidade e cujo desafio é fazer da Companhia que comanda uma fração de pronto-emprego, ainda que o mesmo não seja possível no restante do Batalhão. Aponto para a escolha do verbo ‘gosto’, à linha 28, denota seu envolvimento sentimental para com as atividades decorrentes de sua profissão, atividades que Marcos Almeida entende como um

⁹ ‘Pronto emprego’ é o termo usado para designar a organização militar que será acionada de forma imediata caso assim seja determinado pelas autoridades competentes. Por este motivo, esta tropa deverá manter-se em constante treinamento.

desafio, reforçando sua identidade de guerreiro. À linha 29, em ritmo mais acelerado que o restante de sua fala, o narrador esclarece que está falando especificamente de sua fração, voltando para si, enquanto comandante, os méritos advindos do sucesso de emprego tático daquela companhia. À linha 31 o Capitão insere uma avaliação que funciona explicando o objetivo do comandante, ou seja, Marcos Almeida evidencia suas atitudes de comandante de fração na efetiva preparação para o pronto emprego de seus homens. O ponto da narrativa é evidenciar quão bom comandante ele é. Noto que nesta avaliação a questão da disseminação dos valores pára-quedistas é preconizada. Este capitão se constrói como um comandante superior aos demais, o que, em sua visão implica adestrar sua fração por meio de vivências que abarcam a prática do treinamento físico, de valores morais e de atributos da área afetiva, ou seja, a perpetuação do discurso valorizado no meio pára-quedista. Contar uma parte de sua história de vida funciona neste momento da interação enaltecendo a capacidade profissional deste militar. O evento narrado contribui para fazer do narrador um combatente especial, dotado de atributos de um guerreiro líder, figura principal de sua própria história.

O trecho seguinte é parte da entrevista realizada com o Tenente Wiesser. Nele percebo que o tenente faz menção à ação institucional na sócio-construção dos combatentes pára-quedistas. A pergunta que motiva a fala do tenente tem a ver com as transformações e os aprendizados decorrentes de ser um oficial, comandante de pelotão no 26º.

1	D		o que você tá aprendendo aqui? o que é que servir na
2			brigada, ser um pára-quedista, servir no vinte e seis,
3			o que isso tá fazendo com você? o que você tá
4			aprendendo aqui pra sua vida? o que você acha, quem
5			você acha que tá se tornando, com esses ensinamentos e
6			compartilhando, [esses valores?
7	W		[bom, devido é, ao que eu falei sobre
8			a quantidade de missões, né? até mesmo a dificuldade
9			de algumas delas? e: a velocidade que elas vêm, com
10			pouco tempo pra planejar, então muita coisa tá, eu to
11			ganhando também. né? que é a parte de desenvoltura,
12			pra fazer as coisas. então, eu to com um problema em
13			casa? eu não vejo mais como um problema, então é ver,
14			ver o fato, pegar o fato, transformar, e fazer ele
15			melhorar. fazer ele, né? isso aí até:
16	D		[sim
17	W		[até minha família assim, minha, minha noiva, eles em
18			tudo vê problema. eu não vejo: vejo, eu vejo logo à
19			frente a solução. uma maneira de de de resolver

20			aquilo, né? que, que não era feito antes, né?
21	D		humhum
22	W		então, a vida na academia ela é muito, muito ↑guiada.
23	D		é
24	W		pelo comandante, e tal
25	D		humhum
26	W		e aqui fora não, eu não tenho mais ninguém pra pra me
27			controlar, e ver onde que eu vou ou não, eu que
28			decido, eu que vou escolher, logicamente. né?
29	D		humhum
30	W		e a ↑vontade também, né? a vontade de cumprir missão.
31			e cumprir da melhor maneira possível.

Neste trecho identifico uma narrativa que o Tenente Wiesser desenvolve entre as linhas 7 e 31. O ponto da narrativa é explicitamente instanciado entre as linhas 10 e 12: ‘então muita coisa tá, eu tô ganhando também. né? que é a parte de desenvoltura, pra fazer as coisas’. Entre as linhas 12 e 20 o tenente elabora uma narrativa genérica em que se constrói como um combatente que aprendeu em suas práticas castrenses a encontrar soluções onde as outras pessoas só vêem problemas. Para o tenente, as vivências na caserna o ensinaram a agir de forma eficiente também em situações fora do quartel. À linha 22 o tenente elabora uma avaliação em que classifica a vida em sua escola de formação, a AMAN, como ‘muito guiada’, ou seja, ele deixa ver que percebe a ação institucional em sua educação militar. Posso observar que ele se constrói no momento presente em função de suas experiências passadas, uma vez que se entende como livre para tomar suas próprias decisões neste momento em que não é mais cadete. Analiso, porém, que talvez o tenente não se dê conta de que aquilo que o torna mais prático e expedito na resolução dos problemas que lhe aparecem, inclusive em sua vida particular, tem suas raízes na comunhão dos valores institucionais, como determinação e resistência, iniciada em sua academia de formação. Além disso, tais valores são reforçados em seu atual momento profissional uma vez que se encontra como um comandante de pelotão, que deverá contribuir, não mais sendo guiado e sim como o líder, na formação profissional de seus homens, proporcionando oportunidades para que os mesmos valores sejam vividos. Ao ensinar, ele acaba por reforçar a doutrina dos ideais pára-quedistas em seu próprio processo de construção de identidade.

Nos trechos que analiso a seguir preocupo-me com os sentidos que os pára-quedistas constroem para a ação pedagógica de sua academia de formação sobre seus processos de construção de identidades, isto é, a força da doutrina

institucional no processo de sócio-construção das identidades dos pára-quedistas iniciada em seus anos de cadetes na Academia Militar das Agulhas Negras. Seguem, assim, alguns trechos da entrevista realizada com o Major Wilker (a entrevista encontra-se transcrita em sua íntegra nos anexos deste trabalho).

Neste trecho o Major Wilker introduz espontaneamente um tópico, logo no início da entrevista, sem mesmo que eu lhe tivesse dirigido qualquer pergunta, denotando estar predisposto a tratar de determinados assuntos, já pensados por ele e tidos como importantes em uma pauta previamente preparada por ele. O tópico abordado pelo Major diz respeito à ação institucional na disseminação de valores em seu processo de construção de identidades.

1	MW	é dá um ar menos formal ... exato ... mas °não tem
2		importância não° ...isso aí... não há formalidade
3		nehuma >muito pelo contrário< é um prazer... ↑eu
4		digo pra você eu eu me sinto °sabe daniela° produto
5		bem desse:: desse meio acadêmico , desse tipo discurso
6		formado, na academia ... eu e:: (3 seg) uma plêiade de
7		infantes aí que se formaram na mesma geração que eu,
8		eu não vou nem colocar da <u>minha</u> turma porque, tem uma
9		variaçãozinha nisso aí ...né? por que isso? nós
10		tivemos a oportunidade de <u>ter</u> essas figuras né? esses
11		esses mitos à frente... o meu último comandante de
12		companhia na AMAN é o atual comandante da brigada
13		pára-quedista ... o: meu comandante no terceiro ano
14		comandou <a tropa que tava na:: no haiti agora> o
15		coronel vastos macedo ... ↑forças especiais, o outro
16		era ↑precursor ... então isso daí realmente mexia
17		<u>muito</u> com a gente, com aquele universo de cadetes de
18		infantaria ... acredito que nas outras armas também...
19		mas <u>na</u> infantaria isso daí sobressai porque:: é uma
20		mensagem <u>constante</u> ... dessa:: dessa questão da:
21		chefia e liderança, né? e eu por influências diversas
22		né? me lembro que quando eu cheguei na <u>preparatória</u>
23		>eu fiz preparatória em três anos< uma das coisas que
24		me impactou num primeiro momento foi uma frase que
25		tinha assim na entrada da companhia ... que era ...
26		'liderança não se impõe, adquire-se'
27	D	hãhã
28	MW	aí aquele troço, pô, eu tinha <u>quinze</u> anos...
29	D	ficava vendo aquela frase sempre [em forma?
30	MW	[sempre sempre sempre ... entrava na ala isso tava
31		estampado lá no fundo ... né? ... e aí você vai,
32		depois você:: , mais pra frente, já com uma postura
33		mais madura, você vê >cadetes ides comandar aprendei a
34		obedecer< aquelas coisas ↑ made in camô::es que
38		ficam pelas paredes da AMAN ... e você vai construindo
39		esses mitos, né? e:: e quando você faz a escolha, vai
40		pra uma:: uma arma <u>combatente</u> ... a mensagem que é
41		passada é o tempo, inteiro voltada pra... liderança de
42		homens >que no caso da infantaria é condição si ne qua
43		non< ... =
44	D	é a () né?

45	MW	= pra você:: ter um bom desempenho, <u>principalmente</u> na
46		fase >que é a proposta da academia< de formar ...o
47		oficial subalterno, o combatente de de pequena fração
48		... então você <u>tá</u> recebendo aquilo dali o tempo
49		inteiro, por essas mensagens que você já trabalhou,
50		né? e eu tive oportunidade de:: ver isso daí com muita
51		<u>clareza</u> , que a nossa turma via no então major leandro
52		... e no no barros macedo, nos tenentes também,
53		>quase todos pára-quedistas<, aquilo alí formava na
54		nossa cabeça uma coisa assim ...

Identifico nesta passagem duas narrativas, nos termos labovianos, que o Major elabora entre as linhas 22-26 e logo depois entre as linhas 30-54. Ambas as narrativas têm como ponto ressaltar a intensidade do processo de socioconstrução das identidades combatentes iniciada na Academia Militar. Noto que na linha 4 o Major instancia uma frase que eu entendo como um resumo inicial das narrativas que desenvolverá: ‘↑eu digo pra você eu eu me sinto °sabe daniela° produto bem desse:: desse meio acadêmico , desse tipo discurso formado, na academia...’, entendendo-se como um ‘produto’ do meio acadêmico militar. Já se pode perceber aqui que este oficial entende-se como alguém que foi não só formado, mas construído, transformado na prática dos valores comungados na escola básica de sua formação militar. O major faz referência, em orientações, a uma série de ocasiões em que ele foi envolvido pela ação do discurso institucional agindo na construção de sua identidade (linhas 10-16), e ele entende que o discurso institucional era instanciado também por meio de símbolos, em um processo que ele entende como ‘uma mensagem constante’ (linha 20). Ressalto que tais colocações são elaboradas com foco no momento presente de sua vida, uma vez que ele se mostra experiente o bastante para avaliar seu próprio trajeto de construção identitária. O major entende que a admiração pelos pára-quedistas esteve presente em sua trajetória de vida, guiando suas escolhas profissionais. Outros recursos simbólicos citados pelo major dizem respeito às frases de efeito que inspiram construções identitárias inscritas nas lajes e paredes das academias (linhas 26 e 33), além das mensagens de chefia e liderança constantemente vivenciadas quando os cadetes ingressam na infantaria (linha 41). Noto que o major constrói-se como consciente dos recursos simbólicos institucionais que contribuem na construção de sua identidade profissional. À linha 34, o major elabora uma avaliação em um tom de brincadeira, permitido apenas àqueles que não se opõem à vida militar (caso contrário soaria como um deboche, e este não é o caso do Major) intensificando sua percepção dos

processos simbólicos, usados pelas escolas militares por onde passou, que agem na sócio construção das identidades de seus alunos: ‘aquelas coisas *made in camões* que ficam pelas paredes da AMAN’. Percebo que a brincadeira não é feita em tom de crítica, e sim em tom de admiração e aprovação, mostrando-se vibrante e entusiasmado com esta faceta institucional dos processos usados na perpetuação da doutrina militar.

Na passagem seguinte, outro trecho da entrevista com o Major Wilker, o major segue construindo-se como consciente dos processos de perpetuação dos valores institucionais militares.

1	MW	[são no sentido de superação etc e tal . né?
2		superção de limites e quando a gente:: tá na situação
3		que nós vivemos naquela época, você olha aqueles
4		homens, aqueles ... o estereótipo <daquele líder que
5		você tá sendo preparado>...>todo mundo falando isso
6		pra você o tempo inteiro< né? você olha um filme, e::
7		faz uma visita, vê uma tropa operacional, assiste um
8		filme >holiwoodiano que seja< ou documentário da
9		própria força aí você ↑ caraca, que coisa bacana, aí
10		você vê o respeito que aqueles homens têm naquele
11		universo que nós estávamos naquela época, né? você vê
12		o major leandro, pô o cara major já, grisalho e com um
13		preparo físico <u>exemplar</u> , sendo <u>ouvido</u> , sendo
14		<u>respeitado</u>
15		
16	D	liderando... fazendo o que o senhor tava sendo
17		preparado pra fazer?
18	MW	↑ <u>exato</u> aí você – ↑caraca, esse é o homem, esse é o
19		meu farol... e e essas pessoas naturalmente aproveitam
20		pra fazer... o merchandizing, não deixam de fazer o
21		tempo inteiro

Identifico neste trecho uma narrativa genérica em que o major equaciona a questão de superação de limites com a questão da construção de identidades. Superar limites, para o major, significa vivenciar as práticas pedagógicas de sua academia de formação em uma trajetória rumo a tornar-se um líder, inspirado em seus comandantes, seus líderes, cuja ação é reforçada por outros recursos simbólico-identitários (linhas 6-9) institucionais percebidos pelo major. Nas linha 9 e 18 o major elabora avaliações em que evidencia extrema emoção e admiração por seus modelos de líder: ‘caraca, que coisa bacana. Aí você vê o respeito que aqueles homens têm’; ‘caraca, esse é o homem, esse é o meu farol’. Na linha 20 o major constrói-se como consciente da intenção de seus antigos comandantes de servir de exemplo identitário para ele e seus

companheiros quando de sua época de cadete. Para tanto usa um termo bastante pós-moderno – *merchandizing* – ligado à propaganda e *marketing*.

É importante dizer que nos dois trechos da entrevista com o major Wilker, analisados anteriormente, meu entrevistado constrói-se consciente e conhecedor da transformação que se dá com o cadete (incluindo-se, ao fazer referências a sua época de cadete), fruto das vivências em sua escola de formação. Noto, pois, que para o Major, o processo de transformação e construção de identidades militares é consentido e se dá em comum acordo com este militar.

O processo de construção de identidade iniciado na academia de formação deste militares é continuado por toda a carreira militar, em um processo em que os valores comungados neste contexto são reforçados. As análises que venho realizando me deixam ver a importância devotada pela tropa pára-quedista à questão da tradição, valorizada e tida como motivo de orgulho e admiração desta tropa. Acentuo assim, à luz de Castro (1990:32), o caráter corporativo do processo de construção de identidades no meio militar, e em especial no meio pára-quedista por ser o alvo de minha pesquisa, que se dá por meio de uma intrincada rede de mecanismos simbólicos que tenho levantado em minhas análises.

A Brigada de Infantaria Pára-quedista, onde se inclui o 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista, não é um estabelecimento de ensino militar, no entanto, pode-se dizer que esta unidade militar age igualmente na função de educar o militar, uma vez que forma soldados com a instrução militar básica. Além disso, como já exposto, os valores cultuados e continuamente reforçados naquele meio (inclusive pelos oficiais que já cursaram a academia militar) remetem ao processo de construção de identidades iniciados na academia militar. Assim, penso ser coerente referir-me ao 26º como uma organização devotada à educação militar, encorpando o aparato institucional corporativo voltado para a construção identitária de combatentes pára-quedistas do Exército Brasileiro.

Como observa Castro (1990:32), uma vez que o processo de sócio construção das identidades militares se dá em estabelecimentos relativamente autônomos em relação ao mundo exterior (nesta pesquisa, quer na academia de formação, quer na Brigada de Infantaria Pára-quedista), alguns autores tendem a classificar as academias militares como instituições totais (Goffman, [1961] 2008). Acredito que pelo que expus no parágrafo anterior, classificariam também o 26º como uma instituição total.

Segundo Goffman (ibidem:11),

“Uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada”.

Mais adiante Goffman (ibidem:17) classifica os quartéis como um tipo de instituição total já que são “instituições estabelecidas com a intenção de realizar de modo mais adequado alguma tarefa de trabalho, e que se justificam apenas através de tais fundamentos instrumentais...”. Ainda em Goffman (ibidem:22) as instituições totais “são estufas para mudar pessoas; cada uma é um experimento natural sobre o que se pode fazer com o eu”.

Creio que muitas das características de uma instituição total aplicam-se ao caso do 26º, porém concordo com Castro (1990:33) que se perde mais do que se ganha ao classificar desta forma uma unidade militar como do 26º. No 26º não podemos observar a figura do ‘internado’, como aquele que deve ser separado da sociedade para se reabilitar e então se comportar como devido. Nesta organização militar, tanto os soldados que prestam o serviço militar quanto os oficiais que lá servem, o fazem voluntariamente¹⁰, identificando-se com a instituição ao mesmo tempo em que suas identidades são nela trabalhadas. À luz de Goffman ([1961] 2008:151) ao se referir aos participantes de uma instituição total como os quartéis, percebo que os pára-quedistas do 26º com quem conversei cooperam voluntariamente

“por causa de valores comuns, através dos quais os interesses da organização e do indivíduo se confundem, tanto intrínseca quanto estrategicamente. Em alguns casos, é presumivelmente o indivíduo que se identifica com os objetivos e o destino da organização – por exemplo quando alguém sente orgulho pessoal por sua escola ou seu lugar de trabalho”.

Como venho apontando nos dados, são inúmeras as vezes em que meus pares-entrevistados constroem-se como orgulhosos de integrarem esta tropa que se referem como uma tropa de elite, além de construírem-se como corajosos, fisicamente poderosos, preparados intelectual emocional e profissionalmente etc .

Ainda ecoando Goffman (ibidem), ao compartilharem os valores institucionais, os pára-quedistas supõem que sejam pessoas de determinado caráter e forma de ser.

“Ao concordar em dar certas coisas e conservar outras, o indivíduo concorda que é o tipo de pessoa que tem esses tipos de coisas para dar e conservar, e que é o tipo de pessoa que considera legítimo participar de um acordo referente a tais coisas”. (Goffman [1961] 2008:148)

Castro coloca também que

“Goffman deixa claro ([1961] 2008:23-24) que nas instituições totais não se busca uma vitória cultural sobre o internado, mas a manutenção de uma tensão entre seu mundo doméstico e o mundo institucional, para usar essa tensão persistente como ‘uma força estratégica no controle de homens.’”

Assim como Castro ao se referir a uma academia militar, penso que no 26º busca-se justamente uma ‘vitória cultural’ e não ‘buscar uma tensão persistente’. Os oficiais com quem conversei entendem suas atividades naquele batalhão como desafios a serem vencidos, como vitórias a serem alcançadas justamente por crerem no valor cultural e social desta organização cuja função maior, segundo meus entrevistados, é trabalhar em prol da pátria no cumprimento sua missão constitucional.

Noto, assim, que as crenças e valores que norteiam as construções de identidades dos pára-quedistas foram antes vividos na academia onde se iniciou a educação militar destes combatentes. Ao deixarem aquela escola e seguirem suas carreiras especializando-se como pára-quedistas, os combatentes com quem conversei passam a agir como educadores, líderes, chefes que têm como missão fundamental formar seus subordinados, educando-os à luz dos mesmos valores de outrora. Ao buscarem voluntariamente servir no 26º Batalhão de Infantaria Pára-quedista, os oficiais que entrevistei constroem-se como líderes de suas frações, responsáveis pela perpetuação da doutrina institucional, guiando seus soldados, ao mesmo tempo que reforçam tais valores, que entendem como tradição, em seu próprio processo de construção de identidades.

A questão da valorização da tradição deixa ver a importância que estes homens dão à perpetuação do discurso e das vozes institucionais que ressoam na

¹⁰ Importante salientar que 100% do efetivo de soldados nesta unidade são voluntários. São todos soldados engajados, isto é, que escolheram continuar no Exército mesmo após terem completado

Brigada de Infantaria Pára-quedista. Como já foi dito, o discurso institucional, tão fortemente instanciado, faz nascer identidades entendidas e mantidas como dominantes, isto é, hegemônicas em relação à imagem do inimigo (que nem sempre é uma figura concreta).

Ao construírem-se identidades hegemônicas, percebo também que os pára-quedistas clamam a figura da própria nação, corroborando com a idéia proposta por Castro (2002:81) de que os militares do Exército Brasileiro, ao longo da história da formação da Força, sempre se preocuparam em construir vínculos indissolúveis entre a imagem da Nação e a imagem do Exército. Cada membro desta tropa acaba por entender-se como a representação de sua Nação, por isso, enquanto analista, penso poder entender tal hegemonia de identidades em termos de soberania. Entendo o conceito de soberania de uma Nação à luz de Anderson ([1983] 1991:26) como legitimação e liberdade perante outras Nações. Para um pára-quedista, a soberania da Nação que integram depende da supremacia de seu preparo profissional.

5.1.2 Masculinidades Militares

Observo também que os discursos hegemonicamente perpetuados entre os pára-quedistas deixam falar certos modelos culturais (Kiesling, 2006:262). Segundo Kiesling (2006:263), modelos culturais podem ser vistos como modos de representar discursos específicos, permitindo-nos associar tais modelos com os discursos que instanciam. Esses discursos de coletividades específicas vão além de simples estereótipos, pois devem ser entendidos dentro de uma elaborada rede de significados. Considerando esta rede de significados, quero tratar neste momento de um modelo culturalmente construído e aceito nas sociedades que se consideram soberanas, o masculino militar. Chamo a atenção para o que coloco: não só o masculino, mas o masculino militar.

Em um primeiro momento, considerando Connell (2000:10), penso que “não há um padrão de masculinidade que seja encontrado em todos os lugares.

seu tempo de serviço militar obrigatório previsto constitucionalmente.

Precisamos falar de masculinidades, não de masculinidade. Culturas diferentes e diferentes períodos da história constroem o gênero de forma diferente”.

Desta forma, devo me referir ao padrão de masculinidade valorizado no meio militar, mais especificamente no meio pára-quedista no Brasil, por ser este o meu campo de pesquisa. Uso, então, o termo ‘masculinidade militar hegemônica’ para me referir a performance de masculinidade considerada mais valorizada socialmente neste meio.

Connell coloca ainda que

“As masculinidades surgem quando as pessoas agem. Elas são ativamente produzidas usando os recursos e estratégias disponíveis em um dado contexto social. (...) masculinidades são criadas em circunstâncias históricas específicas, e, ao passo que essas circunstâncias mudam, as práticas de gênero podem ser contestadas e reconstruídas” (1995:13-14)

Assim, como previsto nos estatutos da Força, a própria doutrina de emprego das tropas pára-quedistas adotada pelo Exército Brasileiro funciona encorajando determinados tipos de performances. Como me foi dito nas entrevistas, em função da natureza das missões em que o pára-quedista é empregado, a comunidade pára-quedista espera que seus membros evidenciem força física, coragem, desafio, perspicácia, agressividade, espírito de corpo, para citar alguns dos atributos cultuados pela mística pára-quedista. Segundo os pára-quedistas com quem conversei, eficácia operacional, isto é, o sucesso das missões depende do desempenho satisfatório da tropa, que só é possível em função do culto-práxis aos ideais pára-quedistas. Assim, é na atuação combatente que surgem as masculinidades que saliento nesta pesquisa.

Ecoando Connell (1995:6), é possível pensar as instituições como passíveis de generificação. Sem a intenção de excluir as mulheres da arte da guerra, uma vez que elas foram e têm sido cada vez mais empregadas nos combates, afirmo que os exércitos enquanto instituição são culturalmente masculinizados. É fato histórico que os exércitos têm sido formados, através de milênios, majoritariamente por homens, fazendo-se instituições generificadas. O mesmo se dá com o Exército Brasileiro que, apesar de recrutar também mulheres desde 1993, tem sido constituído por homens desde seu embrião na Batalha dos Guararapes para a expulsão dos Holandeses em 1648. Nesses moldes, a tropa pára-quedista é majoritariamente masculina. Entendo, pois, a coletividade que

pesquisa como um contexto generificado, masculino, em que os enquadres pelos quais as práticas são interpretadas abarcam também a interpretação sobre os gêneros, ou seja, sobre o que vem a ser entendido como 'masculino'. Assim, mais importante que os gêneros de seus integrantes, são os enquadres interpretativos que contribuem na construção de sentidos para o que chamamos de gênero. No contexto pesquisado, o 'masculino militar pára-quedista' é interpretado à luz das performances onde são evidenciados e percebidos os ideais pára-quedistas – patriotismo, coragem, voluntariedade, preparo físico, preparo emocional, liderança etc.

Connell (1995:46-52) coloca que masculinidade e feminilidade são conceitos relacionais, não passíveis de serem entendidos separadamente, sendo ambos os conceitos construídos situadamente em uma dada cultura. Trago para análise uma passagem dos dados gerados nesta pesquisa que lança luz sobre o que se entende como masculino no meio militar pára-quedista.

A passagem que analisarei em seguida foi retirada da entrevista com o Tenente Wiesser. Neste momento conversamos justamente sobre agressividade, um dos atributos identitários cultuados pelos pára-quedistas. Todos os meus entrevistados afirmaram ser, a agressividade no combate, uma das marcas da atuação de um combatente pára-quedista, como já evidenciado anteriormente. Por se dizer um pára-quedista integrado ao grupo do 26º, eu podia inferir que o Tenente Wiesser, demonstrava perante seus pares ser possuidor do atributo 'agressividade no combate', já que ele construiu-se como um integrante do grupo, identificando-se com os valores cultuados nesta comunidade ao elaborar narrativas em que os pontos giraram em torno de 'voluntariedade para seguir a carreira militar', 'dedicação', 'coragem', 'espírito de sacrifício', 'superação'. Faço menção, aqui, a uma narrativa já analisada por mim anteriormente neste trabalho. Refiro-me à estória em que ele fala sobre o preparo físico buscado na área de estágio e que sentidos ele construía para a dor física que sentia quando da realização do curso básico de paraquedismo. O ponto daquela narrativa, a superação da dor, me deixa ver um combatente que evidencia agressividade, lidando com a dor de forma incomum, enfrentando-a como se faz a um inimigo.

No entanto, os elementos lingüísticos e para-lingüísticos que observei na fala do Tenente Wiesser como um todo não me permitiram ouvir agressividade alguma. Em tempo, durante toda a interação, o Tenente Wiesser expressava-se de

forma pausada, calma, falando sempre em um tom de voz baixo e constante. Sua performance discursiva não deixava ver emoções exacerbadas em suas colocações, apesar de estarem presentes em sua fala em forma de avaliações, risos e também de serem construídas em suas avaliações. Ele mostrou-se colaborativo na entrevista, desenvolvendo suas respostas em função das perguntas que lhe eram feitas, isto é, os temas que eu propunha discutir eram prontamente aceitos. Um fator que pode ter influenciado tal comportamento diz respeito à questão hierárquica valorizada na Força e presente em qualquer interação que se dá neste contexto. Na época da entrevista, eu era uma Capitão e ele um Segundo Tenente, ou seja, havia os nossos postos interferindo em nossos comportamentos interacionais. Além disso, ele estava ali na entrevista, por determinação de seu comandante. Penso que ele pode ter se entendido subordinado a mim, interagindo colaborativamente, sempre. Fato é que seu tom de voz e seu olhar, ao interagir comigo, desenvolvendo sua fala, não sinalizavam agressividade. Este paradoxo prendeu minha atenção de pesquisadora. Dirigi-lhe, então, uma pergunta para a qual tivemos que negociar significado, co-construindo sentidos interacionalmente. Transcrevo o trecho, a seguir.

1	D		você ta me parecendo um rapaz muito ↑doce, é:
2	W		((ten Wiesser faz uma expressão de reprovação))
3	D		ó, ((rindo)) sem trocadilho de palavras
4	W		((risos)) pega mal
5	D		((risos)) não, não, sem pegar mal assim, uma pessoa
6			muito, com muita ternura. >pega mal ternura também?<
7			não pode? é: uma pessoa, [de fácil trato
8	W		[amigável ((risos))
9	D		uma pessoa amigável
10	W		pode ser
11	D		é é onde fica a agressividade no combate? eu tenho
12			certeza que, porque você ta aqui, é que na hora que
13			você precisa da agressividade no combate, você vai
14			empregar
15	W		é, isso aí é o que a gente chama aqui de de rancor.
16	D		sei
17	W		então, cada um de nós aqui tem tem guardado, né? um
18			sentimento forte de ↑agressividade, que é pra ser
19			usado na hora certa. então se eu fosse agressivo o
20			tempo todo, eu ia tratar, eu não ia conseguir tratar o
21			soldado de uma maneira correta, eu ia tratar=
22	D		=tratar com bondade o seu subordinado
23	W		isso, então isso aí eu acho que não ia, encaixar muito
24			bem.
25	D		Humhum

Enquanto pesquisadora, minha intenção era entender como o tenente, que eu estava vendo como terno e doce, construiria sentido para o atributo ‘agressividade no combate’ em sua atuação profissional, contrastando essas duas qualidades que me pareciam opostas. A qualidade ‘doce’ não parece ter sido aprovada por Wiesser, dada a expressão em seu olhar e seu silêncio além de nenhuma outra expressão que pudesse sugerir algum tipo de concordância. Wiesser não se identifica com os sentidos identitários trazidos a termo. Logo, entendo que o adjetivo ‘doce’ é rejeitado pelo tenente, isto é, ele não quer ser assim entendido. Na linha 3, para quebrar o distanciamento interacional provocado, incluo o riso em minha fala e tento recontextualizar a pergunta explicando que não tinha a intenção de atribuir-lhe um adjetivo que o distanciasse dos ideais pára-quedistas ‘ó, ((rindo)) sem trocadilho de palavras’. O Tenente Wiesser toma o turno e explica a razão de não querer ser chamado de ‘doce’, felizmente rindo e demonstrando disposição em co-construir um termo que condiga com a identidade que clama para si: ‘pega mal’. Entendo que ‘doce’ não condiz com a identidade valorizada naquele meio. A expressão ‘pega mal’ me deixa ver que ser entendido como doce o desvaloriza e o envergonha perante o grupo. Importante notar que, apesar de não mencionarmos de forma explícita, o que está em jogo aqui parece ser a imagem de masculinidade que Wiesser quer evidenciar enquanto profissional do combate. Entre as linhas 5 e 7, sugiro, entre escusas e risos, dois outros termos na tentativa de adequar um atributo que não fira sua masculinidade: ‘não, não, sem pegar mal assim, uma pessoa muito, com muita ternura. >pega mal ternura também?< não pode? é: uma pessoa, de fácil trato’. Os termos também não agradam ao Tenente Wiesser, creio que pelo mesmo motivo de ‘doce’: são termos que remetem a expressão identitária contrária à masculinidade que se quer evidenciar entre os pára-quedistas. Termos que, no senso comum, remetem a um campo semântico que faz lembrar o fraco, o gentil, o delicado. Decididamente, pelas análises que venho mostrando, não é sob o signo da fragilidade que um ‘pequedê’ se constrói. O outro termo que eu sugiro é ‘de fácil trato’, também rejeitado por ele. A idéia ‘de fácil trato’ o submeteria deveras à condição de um objeto, ou de alguém sem ação perante estímulos interacionais. O Tenente Wiesser pode ser subordinado hierarquicamente a mim, enquanto capitão, mas nem por isso se mostra submisso. Também não parece ser o caso dos pára-quedistas, que se mostraram bastante ativos nas interações comigo. Na linha

8, o próprio Tenente Wiesser sugere o termo ao qual quer ser associado, ele me permite chamá-lo de ‘amigável’. O termo que ele sugere ressoa os ideais pára-quedistas de espírito de corpo, companheirismo, espírito de equipe, patriotismo. Na linha 9, eu logo aceito o termo sugerido por ele, pois o que mais me interessava era levar a interação adiante e confrontar a tal ‘doçura’, agora reconstruída como ‘amizade’, com a valorizada agressividade no combate. Coloco minha pergunta, na linha 11: ‘é é onde fica a agressividade no combate?’. O tenente Wiesser explica, então, que a agressividade no combate fica... no combate. Ele diz que há o momento adequado para evidenciar a agressividade, que ele também chama de rancor (linha 15). Ele segue sua explicação, dando mais detalhes, evidenciando as múltiplas faces que um pára-quedista constrói em diferentes momentos interacionais. Na linha 22, em uma fala contígua à do tenente, co-construindo sentidos, eu relembro uma frase do texto que todos nós, militares, bradamos por ocasião do compromisso ao primeiro posto: ‘tratar com bondade o subordinado’. Ele concorda comigo, resolvendo o impasse entre agressividade no combate e seu jeito ‘amigável’.

Esta análise me possibilitou entender que as masculinidades hegemônicas vividas no processo de construção de identidades desses militares deixam ver determinadas oposições binárias no sistema de significados que constroem e praticam, tal como sugere Kovitz (2003:6): guerra/paz, morte/vida, forte/fraco, defensores/defendidos, amigo/inimigo, e acrescentando a questão de gênero a este conjunto, masculino/feminino.

Segundo Connell (1995:164), “um tema comum na ideologia patriarcal é que os homens são racionais ao passo que as mulheres são emocionais”. Docilidade e ternura são termos que, na visão deste pára-quedista, remetem a um campo semântico que se funda no delicado, no sentimental, emocional, ou seja, características comumente relacionadas ao feminino. Ele prefere se posicionar da forma menos delicada possível, sem deixar de ser humano. Usando o termo ‘amigável’ ele se aproxima mais do ideal racional valorizado por seu grupo.

Ainda desenvolvendo a questão das construções de masculinidades entre os pára-quedistas, na conversa com o Major Firmino, eu lhe faço uma pergunta sobre as formas de socialização dos pára-quedistas (linha 1-7). Minha intenção é entender um pouco mais sobre seus interesses, gostos e passatempos quando os

pára-quedistas não estão diretamente atuando profissionalmente. Minha pergunta se dá na linha 1 do trecho que intitulei “Churrasco, futebol, cerveja e Rosa Maria”

1	D		e sobre as formas de socialização, porque ta
2			trabalhando, ta junto, ta cumprindo missão, e ele tem
3			uma hora que ele vai relaxar, tem uma hora que ele vai
4			socializar. como é que o pqd socializa aqui, dentro é,
5			é, do quartel? ou fora? eles se reúnem ou é é essa
6			cumplicidade é só aqui ou [levam a amizade pra fora do
7			quartel?
8	F		[levam.
9	D		sai junto pra beber, pra passear?
10	F		é, acontece de duas formas. acontece na forma de é:
11			quando juntam os círculos ((se refere aos agrupamentos
12			dependentes de afinidades do mesmo posto)), os cabos
13			e soldados, misturam todos os círculos ali, aí fica
14			tipo uma: uma (). acontece muito no nível
15			companhia, seção, a quarta seção “ah, vamos reunir pra
16			fazer um churrasquinho”. isso aí acontece. mas isso
17			daí não seria tão espontâneo, né? seria uma
18			necessidade, né? que o pqd realmente GOSTA de sair.
19			acho que ta na na nossa história. ele GOSTA.
20	D		Gosta de sair junto?
21	F		gosta de sair junto. mas o que é mais interessante
22			aqui é que ocorre SEM essa: obrigatoriedade, dentro
23			dos círculos
24	D		ah?
25	F		né, dentro dos círculos ali, dentro dos círculos. é:
26			por exemplo, no vinte e cinco ((refere-se ao 25°
27			Batalhão de Infantaria Pára-quedista)), a gente tinha
28			ali o alojamento dos tenentes, e: do nada, chegava ali
29			“pô, vamos dar uma saída, vamos ali?” pronto, saía. no
30			centro de instrução então? era direto. entendeu? os
31			oficiais:is, saíam, estavam sempre saindo,
32			espontaneamente. entendeu? sexta-feira, >até que não
33			ta acontecendo muito<. mas sexta-feira, pro pqd? é o
34			dia... do do churrasco, do futebol. não tem jeito.
35	D		hum hum churrasco, futebol, bebida? cerveja?
36	F		sempre, sempre, sempre. churrasco, futebol e cerveja.
37			ta? isso aí tem que ter, isso aí é: é, e isso acontece
38			espontaneamente. aí, como eu falei, a nível companhia?
39			o comandante, se ele não provocar, não vai acontecer,
40			porque tem que ser a companhia como um todo. mas vai
41			acontecer, pode ter certeza que ta acontecendo nos
42			círculos, ali. os sargentos estão se reunindo, o
43			grupinho de amigos ali, os soldados mesmo. às vezes os
44			sargentos tem mais intimidade aí com os soldados do
45			pelotão, e chamam.
46	D		hum hum
47	F		isso sempre acontece.

A partir da linha 8, o Major Firmino desenvolve uma fala onde narra e explica que os pára-quedistas reúnem-se socialmente, fora de suas atividades profissionais, em churrascos motivados por seus superiores, mas também em

situações onde as reuniões acontecem por iniciativa deles mesmos. Em tais ocasiões os pára-quedistas acham o local apropriado para poder beber cerveja, contar casos, rir. Entre as linhas 17-19 o Major elabora uma avaliação em que classifica as formas de socialização do pára-quedista como uma necessidade corporativa, já que algumas dessas reuniões são promovidas pelos comandantes das frações e acabam sendo tomadas como uma ordem. Já se pode aqui perceber a questão da hierarquia, que juntamente com a disciplina, constituem os pilares desta instituição. Retornarei mais a frente à questão da hierarquia instanciada nas falas dos meus entrevistados. Além de entender as formas de socialização dos pára-quedistas como uma necessidade corporativa (uma vez que são usadas no trabalho de fortalecer o espírito de corpo da tropa), o Major Firmino entende tais reuniões também como um prazer, algo que traz satisfação entre esses combatentes (linha 18): ‘o pequedê realmente GOSTA de sair’. Neste ponto ele se refere às reuniões que são espontaneamente organizadas pelos pára-quedistas e se dão fora da instituição militar, em ambientes civis (linhas 21-23). Noto as escolhas dos termos ‘realmente’ aumentando a carga de veracidade de sua observação, e do termo ‘gosta’ (que é repetido na linha 19), instanciado com maior ênfase, o que denota a carga dramática e emocional da atividade tida como um prazer no meio pára-quedista. Entre as linhas 25-45 o major elabora uma narrativa onde o ponto é a espontaneidade e a frequência com que as reuniões (principalmente futebol e churrasco) se dão na Brigada como um todo contribuindo na construção de identidade dos pára-quedistas que lá servem como militares que sentem prazer no exercício de suas profissões a ponto de construírem amizades que são celebradas em outros contextos que não apenas o militar.

Noto que o termo ‘sempre’ é instanciado três vezes (linha 36), enfatizando que atividades como churrasco, futebol e cerveja são imprescindíveis como formas de socialização entre os pára-quedistas e se fazem presentes neste grupo há muito tempo. Quero ressaltar que, na sociedade brasileira, o gosto pelo futebol, por churrasco e por cerveja é entendido como característico do mundo masculino. Desta forma, ao entenderem-se como apreciadores de esportes, em especial o futebol, e celebrações festejadas com churrasco e cerveja, os pára-quedistas evidenciam mais um traço das masculinidades hegemônicas que contribuem na construção de suas identidades.

Uma vez que os temas futebol, churrasco e cerveja estão em pauta, não pude me furtar a oportunidade de trazer à tona um outro tema comumente associado aos anteriores: a interação com mulheres. Assim, analiso as masculinidades na construção das identidades dos pára-quedistas em outro traço de suas falas. Percebo que a questão da heterossexualidade está presente em suas narrativas.

Em minha conversa com o major Firmino, temas como heterossexualidade, virilidade, conquistas amorosas são discutidos. Noto que eu manifesto um certo pudor em abordar o assunto e dirigir-lhe uma pergunta sobre o comportamento de um pára-quedista em relação ao sexo oposto. Vide os rodeios e as diferentes formas de iniciar minha pergunta no trecho a seguir (linhas 48-53). Penso que este constrangimento se deva ao fato de, em primeiro lugar, não sermos amigos próximos, e também por ser, eu, uma representante do sexo feminino abordando tal assunto com um representante da masculinidade militar hegemônica. O major Firmino facilitou o desdobramento do assunto uma vez que entendeu minha pergunta antes mesmo que eu pudesse concluí-la. (linha 54). Ele riu e iniciou uma série de narrativas e explicações, abordando o tema de forma descontraída e divertida. O trecho seguinte foi retirado da passagem que intitulei “Churrasco, futebol, cerveja e Rosa Maria”.

48	D		uma: um outro ponto, assim. o senhor falou churrasco,
49			futebol, cerveja, nas minhas conversas principalmente
50			com os os tene:ntes, os capitães, eu fiz uma pergunta
51			que envolveu, é assim, se ele tinha... se era verdade,
52			se era assim mesmo, que o pqd, é, tem é, muito, ele,
53			ele tem muita FAMA
54	F		((risos))
55	D		entre as mulheres, ((rindo)) que ele se dá BEM com as
56			mulheres, é alguma coisa, se o senhor observa na sua
57			tropa? nos seus soldados, se é assim mesmo, se o fato
58			de saltar de pára-quedas, se o fato de ta usando uma
59			farda tão bonita, né? esteticamente falando, quanto
60			essa? o fato de ser forte, de ser bem preparado
61			fisicamente, isso, ele faz sucesso entre as mulheres
62			por isso?
63	F		((risos)) eu ACHO, que esse negócio, é, que isso aí,
64			<com certeza> é um é um fator aí que que <é usado, pra
65			melhorar a auto-estima do soldado>.
66	D		certo
67	F		né? isso aí é claro né? mas funciona muito bem, e
68			funciona exatamente dessa maneira. as canções são
69			todas () “fulaninha não namora qualquer um, só
70			namora pqd”, entendeu? o fato da gente obrigar o
71			camarada estar assim bem apresentado. fala que o boot,
72			parece que dá brilho à farda, e que, né? o pé preto é
73			escuro, [aquele negócio todo lá
74	D		[hum hum

75	F		mas eu vejo que isso aí, foi de repente, né? >eu não
76			posso dizer quando que surgiu, né?< eu sei que HOJE
77			funciona bem pra auto-estima. entendeu? é: uma vez que
78			o o o o homem ali não pode ser realizado só na parte
79			profissional, tem que ter né? a parte pessoal social
80			dele ali. e, homem, né? ... ((rindo)) com toda
81			característica masculina, que certamente você conhece.
82			e, o JOVEM? pô dizer pro camarada, pro jovem que ele
83			vai ganhar mulher com aquilo ali? pronto. acabou
84	D		hum hum
85	F		acabou, aquilo ali pra ele passa a ser uma verdade
86			absoluta, entendeu? e aí vai de novo o psicológico ali
87			do grupo e da pessoa realmente ACREDITAR naquilo ali.
88			Eu até brincava quando eu era instrutor na área de
89			estagio lá, né? tinha, tinha lá um sargento °que ele
90			era muito feio°
91	D		hum?
92	F		ele era MUITO feio
93	D		((risos))
94	F		((rindo)) né? até o pessoal do avião sacaneava ele lá,
95			que ele era feio pra caramba. aí, eu, eu era instrutor
96			né? então, na segunda fase ali, eu, nossa senhora, eu
97			esculachava muito ele lá dizendo que ele era feio. aí
98			eu sempre dizia pra ele, "mas o dia que você colocar o
99			brevê, tu vai ficar bonito".
100	D		hum?
101	F		((rindo)) o dia, aí ele veio no dia a apresentação
102			dele com o brevê, aí lembro que eu virava pra ele e
103			falava, "quem é você? eu não te reconheço. eu conheci
104			uma cara assim, agora você tá bonito, vai sair daqui e
105			vai arranjar uma porção de mulher"
106	D		hum?
107	F		né? então isso aí é do:, né?
108	D		então tem também essas histórias?
109	F		TEM TEM
110	D		tem essa mística?
111	F		tem, mas é: eu vejo isso aí pra. eu tive em outros
112			batalhões, né? e em outros batalhões também a
113			cançãozinha é a mesma, né? só que não tem a palavra
114			pqd. "lálálá o soldado do batalhão só namora"
115	D		hum hum
116	F		só que aqui, o lance aqui da brigada, é que tá todo
117			mundo JUNTO, né? é a única brigada do brasil, que é
118			todo mundo junto.
119	D		a figura feminina tá de alguma forma nas canções, pro
120			exemplo, [a musa do pqd é a rosa maria, né?
121	F		[tem rosa maria. acho que aquele negócio,
122			isso aí, acho que tá no no, na fantasia de todo
123			soldado. depois que ele sair pqd, ter uma mulher, uma
124			namorada, que ele deixa o brevê com ela
125	D		ah sei?
126	F		acho que todo: EU já fiz isso, acho que todo soldado
127			já fez isso aí
128	D		hum?
129	F		né? se o camarada não fosse pqd, ele ia arranjar uma
130			medalha, ia arranjar alguma coisa
131	D		sei, aí ele dá o brevê [pra namorada?
132	F		[ele dá o brevê. ele vai
133			chegar, num dia lá, sei lá o que ele fez com ela, vai
134			deixar o brevê::

135	D		sei
136	F		isso aí, é: realmente tem isso aí, entendeu? rosa
137			maria, vai pra um exercício, aquele papo de ((risos))
138	D		((risos))
139	F		mas com certeza tem isso aí
140	D		mas ta envolvido nessa nessa mística. seria um
141			pontinho, dessa dessa mística toda né?
142	F		↑ certamente, certamente. essa essa CRENÇA, né? como
143			se fosse uma VERDADE absoluta de que o pqd, pelo FATO
144			de ser pqd, ele vai ganhar tudo quanto é mulher, isso
145			aí realmente, é
146	D		hum hum
147	F		isso aí é um negócio violento. acho que ta, como você
148			falou, ta no ↑pqd mesmo como um todo, né? você a gente
149			vai pras nossas viagens, o camarada, você vê que o
150			anda:r, o olhar assim, ele realmente ACHA, >eu também
151			me sentia assim< quando eu fiz o curso de mestre de
152			salto, eu fui pra outra cidade, e a gente, primeiro,
153			na unidade a gente se sentia “pô, todo mundo ta,
154			pararam a unidade pra receber os pqd's” ia na cida:de,
155			“pô, a cidade”, hoje em dia eu vejo que não é nada
156			disso, né? ((rindo)) não tem nada a ver, nego nem sabe
157			que a gente ta na cidade, nem sabe o quer dizer pqd

Entre as linhas 55-62 eu consigo, enfim, colocar em palavras minha pergunta. Analiso que neste momento, eu, enquanto pesquisadora, invisto-me de minha condição feminina e faço minha pergunta citando exemplos de traços que uma mulher pode achar atraentes em um pára-quedista: 'a coragem em saltar de paraquedas, a estética da bela farda, do porte e do preparo físico'. Minha pergunta é feita com um ar de riso, já iniciado com o riso do próprio entrevistado, que assim enquadrou esta parte da interação.

O Major Firmino inicia sua resposta atribuindo a 'fama de se dar bem com as mulheres' a uma estratégia usada pelos comandantes de frações na Brigada visando trabalhar positivamente a auto-estima do soldado. Ressalto aqui a questão da voz da instituição falando através da ação hierárquica dos comandantes de fração. O major Firmino menciona as canções entoadas pela tropa como um dos mecanismos simbólicos usados pela instituição na construção das identidades pára-quedistas. Entre as linhas 67-73, o Major cita algumas das canções que são entoadas durante os treinamentos físicos em que a supremacia masculina de um 'pequedê' é ressaltada, já que, segundo as canções, o pára-quedista é construído como o preferido entre as mulheres. Ele menciona também a farda e o *boot* marrom usado pelo pára-quedista, que faz com que sua farda brilhe e chame

atenção, destacando-o esteticamente. Incluo aqui um exemplo de uma das canções mencionadas pelo Major Firmino a fim de melhor contextualizar minha análise.

A Maria bonitinha
Que trabalha na tv
Não namora há-há-há (outra especialidade na Força)
Só namora pqdt
Rosa Maria hoje eu tenho que saltar
Mas por um pára-quedista
Vale a pena esperar
Preparar, levantar, enganchar
Verificar equipamento
Capacete, jugular, queixeira, gancho, pino, fita, caixa de abertura
5 pronto, 4 pronto, 3 pronto, 2 pronto, 1 pronto
À porta, vai, 1 mil, 2 mil, 3 mil, 4 mil, velame, charuto,
Reserva, charuto, amém

Entre as linhas 75-83 o Major sugere, novamente deixando implícito em seu riso, que um homem deve interessar-se por mulher, pois que o interesse pelo sexo oposto é uma questão social (linha 79) que é bem vista pelos pára-quedistas por ser entendida como a complementação de sua atuação profissional. Assim, percebo que entre os pára-quedistas, o comportamento heterossexual é entendido como o comportamento natural de um homem, que deve ser incentivado neste meio.

Seguindo nossa conversa, eu trago à tona a figura da 'Rosa Maria', uma espécie de musa imaginária criada e idealizada neste contexto. Analiso que 'Rosa Maria' simboliza a figura do feminino entre os pára-quedistas, a mulher que estará a esperar 'seu' pára-quedista retornar das missões. Rosa Maria é citada em várias canções de pára-quedistas, como na canção transcrita anteriormente e também na 'Canção Irmãos do Condor', da qual transcrevo parte, a seguir.

Avante Pára-quedista,
no espaço irmão do Condor.
Avante Pára-quedista,
a saltar com denodo e ardor.
Ouvindo em nosso velame,
o vento a sibilar!
Avante Pára-quedista,
É a Pátria que o chama a lutar.

Oh, oh, oh Rosa Maria,
hoje temos que saltar...que saltar!
mas por um Pára-quedista,
mas por um Pára-quedista,

vale a pena esperar...ah, ah, ah, ah
vale a pena esperar!

Nas linhas 121-134 o major elabora uma narrativa em que figura Rosa Maria, a mulher do pára-quedista, que estará a sua espera ao retorno das missões. Ele narra uma prática comum entre os pára-quedistas, que é entregar seu brevê, o símbolo ostentado sobre o peito, para ser guardado por sua namorada, até que ele possa estar com ela novamente: 'tem rosa maria. acho que aquele negócio, isso aí, acho que ta no no , na fantasia de todo soldado. depois que ele sair pqd, ter uma mulher, uma namorada, que ele deixa o brevê com ela'. Na linha 133, o Major deixa implícito que o brevê seria entregue após um momento especial e marcante da relação, sugestionando um momento de intimidade do casal: 'ele dá o brevê. ele vai chegar, num dia lá, sei lá o que ele fez com ela, vai deixar o brevê:.'. Ele diz que a figura feminina está presente na fantasia de todo o soldado, evidenciando sua virilidade e heterossexualidade. Na linha 142, o Major finaliza sua narrativa com um resumo, marcando o ponto de sua estória: '↑ certamente, certamente. essa essa CRENÇA, né? como se fosse uma VERDADE absoluta de que o pqd, pelo FATO de ser pqd, ele vai ganhar tudo quanto é mulher, isso aí realmente, é'. O major afirma, veemente, que um pára-quedista pensa poder conquistar qualquer mulher, dadas as expressões que usa: 'verdade absoluta', 'realmente'. Evidenciando lucidez e consciência quanto à questão dos mecanismos simbólicos usados institucionalmente no processo de construção de identidades no meio pára-quedista, o major elabora a seguinte avaliação (linha 143), 'como se fosse uma verdade absoluta'. Posso entender que o pára-quedista lida, no processo de construção de sua identidade, de uma forma ou de outra, com a figura do conquistador, acreditando nela, vivenciando-a ou apenas reconhecendo-a.

Em mais duas narrativas (linhas 147-151 e 151-157) elaboradas pelo major Firmino, ele avalia como algo bastante intenso, a auto-estima do pára-quedista, dada a expressão que usa: 'violento'. Segundo o major, a auto-confiança de uma pára-quedista o faz pensar ter o poder de conquistar qualquer mulher, traço arrebatador de sua identidade: isso aí é um negócio violento. acho que ta, como você falou, ta no ↑pqd mesmo como um todo, né? você a

gente vai pras nossas viagens, o camarada, você vê que o anda:r, o olhar assim, ele realmente ACHA, >eu também me sentia assim<.

Analiso que o ponto das três narrativas elaboradas pelo major gire em torno da auto-confiança demonstrada pelos pára-quedistas advinda do fato de se entenderem como homens poderosos. As análises me dizem que, nesta cultura, o masculino é também entendido como sinônimo de heterossexual e que um pára-quedista, além de ser construído como um conquistador de territórios, também é entendido como um conquistador dos corações femininos.

5.1.3

“Protegendo alguém, isso é tudo pra nós” (Capitão Vagner) – Identidade, sentimento e emoção na construção narrativa do herói pára-quedista

À luz do que entendem por 'masculino militar', os pára-quedistas constroem-se como homens fortes, bravos, guerreiros, audazes, desafiadores, patriotas, altruístas, companheiros, amigos, confiáveis, úteis, voluntários, viris, auto-confiantes, determinados, competentes, vencedores...

Pensar, analisar e discutir sobre as narrativas produzidas pelos pára-quedistas do Exército Brasileiro e o processo de construção de identidades desses homens me possibilitou entender que nesta micro-cultura o modelo do 'masculino militar' faz ver ainda outro modelo cultural. Os atributos com os quais se identificam aproximam os pára-quedistas da imagem de um ser capaz de defender, proteger e vencer o mal, estabelecendo a ordem e a paz. Um ser que enfrenta perigos destemidamente em nome do ideal de 'Pátria', que por ela é capaz de doar sua própria vida: o herói.

Segundo Jung,

“O mito universal do herói refere-se sempre a um homem ou a um homem-deus todo-poderoso e possante que vence o mal, apresentando na forma de dragões, serpente monstros, demônios, etc., e que sempre livra seu povo da destruição e da morte. A narração ou recitação ritual da cerimônia e dos textos sagrados e o culto da figura do herói, compreendendo danças, músicas, hinos, canções e sacrifícios, prendem a audiências num clima de emoções, exaltando o indivíduo até sua identificação com o herói”. (Jung apud Feijó, 1995:21)

Creio que a imagem do herói esteja permeando todas as falas, as narrativas e interações onde se encontram os pára-quedistas. Os pára-quedistas, interpretados sob o ângulo dos heróis, se assemelham à figura do herói mitológico, mas também se diferem dela, dando vida ao que chamarei de herói pára-quedista. Segundo Feijó (1995:13), o herói mitológico é tido como “um consolo para a fraqueza humana”, entidade que supre a força que lhe falta, um semi-deus com características divinas e poderes extra-humanos que se destaca por suas façanhas. No herói mitológico, as façanhas e os super-poderes são o alvo de interesse.

Nas análises das narrativas dos pára-quedistas, pude perceber algo mesclado ao herói mitológico. Os pára-quedistas constroem-se dotados de todos os atributos de um herói já mencionados anteriormente. Falam, sim, de seus medos, pois que é da cultura guerreira em geral falar de medo e coragem. No entanto constroem suas identidades comungando dos conceitos de verdade, razão e objetividade ao mesmo tempo em que flutuam por contextos e fazem parte de um mundo onde o instável e o fragmentado atuam oferecendo infinitas possibilidades ontológicas para tudo e todos. Os pára-quedistas constroem-se identidades racionais em tempos em que o pós-moderno age desconstruindo verdades e questionando ordens vigentes. Estes combatentes constroem-se como se não experimentassem os conflitos subjetivos do ‘ser ou não ser’. Os pára-quedistas, pelo que pude perceber com as análises, crêem em si próprios, acreditam na importância das missões que cumprem, entendem-se como úteis no cenário da defesa nacional, acreditam na soberania de seu país, acreditam que hierarquia e disciplina constituem os pilares básicos da Força que integram. Penso que é justamente isso o que corresponde ao que espera o estado-nação moderno de seu exército. Minhas análises me fizeram crer, entretanto, que os pára-quedistas com quem conversei estão conscientes do poder dos recursos simbólicos usados como aparato educacional que contribuem na construção de suas identidades, identificando-se com eles antes de a eles se aliarem (como analisado em trechos da entrevista com o Major Wilker). Devo lembrar aqui que as falas dos pára-quedistas com quem conversei foram elaboradas mediante uma solicitação formal de realização de minha pesquisa naquele contexto. Assim, meus entrevistados esmeraram-se por construir a imagem modelo de um pára-quedista. Havia uma agenda social norteando o que seria dito, comentado e articulado. Não pretendo dizer que a imagem do pára-quedista que foi construída perante a pesquisadora seja falsa,

muito pelo contrário, meu trabalho consistiu em gerar dados onde o pára-quedista pudesse construir-se e oferecer a imagem que pretendesse.

Nas análises a seguir, percebo os pára-quedistas como conscientes dos processos simbólicos de construção de suas identidades, deixando ver seus questionamentos, suas dúvidas, sua consciência crítica, sem que por isso soem indisciplinados.

A passagem seguinte é um trecho da entrevista com o Capitão Rocca que intitulei “A realização de um sonho pessoal”. Neste trecho pude perceber este pára-quedista construindo-se como consciente das forças sociais que movem as ações da tropa pára-quedista ao mesmo tempo em que ele se constrói como realizando seu sonho pessoal de atuar como líder de um pelotão.

1	D		no site da brigada, eu li que “ser pára-quedista é
2			experimental o sentimento mais profundo de
3			nacionalidade”. quando você esteve ↑fora da sua nação,
4			fora do brasil, você experimentou esse sentimento de
5			nacionalidade, você tava lá pensando em algum motivo
6			maior, você pensava na sua missão em termos mais,
7			amplos “eu to aqui, cumprindo uma missão, é, de” >é
8			uma missão da ONU< né?
9	R		humhum
10	D		“é de apoio a um outro país, ou eu tô representando o
11			MEU próprio país”? como é que você lidou com esse fato
12			aí, você poderia me contar algum fato, alguma coisa
13			que tenha acontecido onde você tenha experimentado o
14			seu sentimento de ↑brasileiro, assim? de nação?
15	R		sim. é: ... cada um, tem o seu ideal né? mas, o que a
16			gente aprende né? o que, o motivo pelo qual eu entrei
17			pro exército brasileiro, né? foi defender o meu país.
18			né? mas, é: nem todos pensam da mesma forma. certo?
19			mas eu, eu tinha esse sentimento de nacionalidade de
20			estar defendendo o meu país, embora eu sabia que
21			também não era nada daquilo, né? não era nada daquilo,
22			que ali eu não tava defendendo o nosso país.
23	D		sim, tá tá. não era o seu país mas você estava
24			cumprindo uma missão pelo seu país, né?
25	R		pelo meu país.
26	D		o seu país mandou você cumprir uma missão lá.
27	R		é, mas ali a gente não ta defendendo o nosso país. a
28			gente ta defendendo outros interesses. que também não
29			vem ao caso.
30	D		sim
31	R		eu falar aqui né? mas, ali, eu estava a frente do MEU
32			pelotão, né? da primeira companhia pára-quedista, né?
33			e, do vinte e seis b i pára-quedista e representando
34			também a brigada pára-quedista. então isso aí era o
35			meu principal pensamento. né? e eu era o ↑comandante
36			de uma fração. então isso aí foi foi a realização de
37			um sonho. né? foi a realização de um sonho ↑pessoal
38	D		Certo
39	R		né? de sentir, de sentir, de de realizado né? em

40			estar, executando tudo aquilo que eu fui treinado pra
41			fazer. né?
42	D		humhum
43	R		então, particularmente, eu, minha maior realização foi
44			foi pessoal. porque defender o país, né? é meio, é
45			meio puxado a gente falar que foi pra lá pra defender
46			o brasil
47	D		é, porque lá não é o brasil

A resposta elaborada pelo capitão Rocca se deu em função de minha pergunta que girava em torno do sentimento de patriotismo e nacionalidade enquanto este combatente pára-quedista estava integrando as tropas de paz da Organização das Nações Unidas no Haiti.

Entre as linhas 15 e 22 o Capitão elabora uma narrativa em que se reporta a uma parte de sua história de vida e o motivo de ter entrado para o Exército. Ele se constrói como alguém que mesmo antes de ser educado na doutrina da instituição, já se identificava com os ideais de patriotismo e sentimento de defesa do país valorizados na Força (linha 16-17). As colocações que Rocca elabora entre as linhas 19 e 22 fazem alusão a um conflito identitário. Rocca constrói-se, porém, como consciente das contradições advindas de sua prática profissional, construindo sua auto-imagem como superior aos conflitos existenciais, preservando seu sentimento de nacionalidade. Entre as linhas 27 e 29, Rocca constrói-se novamente como consciente dos interesses que subjazem as guerras e os conflitos humanos, reforçando a imagem de pára-quedista crítico, ponderado e consciente que busca evidenciar: ‘é, mas ali a gente não ta defendendo o nosso país. a gente ta defendendo outros interesses. que também não vem ao caso.’. A avaliação ‘que também não vem ao caso eu falar aqui né?’ deixa ver que Rocca julga não ser a entrevista em que interage comigo o contexto apropriado para falar desses ‘outros interesses’ que motivam os conflitos. Pode-se perceber, no entanto, que Rocca constrói-se crítico de sua própria atuação combatente. Entre as linhas 31 e 37, Rocca elabora uma narrativa onde constrói sentidos bastante subjetivos para sua atuação nas tropas de paz da ONU no Haiti. O ponto desta narrativa é mostrar que a realização de seu sonho pessoal, não é lutar pela Pátria, mas sim comandar, isto é, a satisfação em estar à frente de um pelotão, comandando, liderando e realizando aquilo para que foi preparado na Brigada de Infantaria Pára-quedista. Entre as linhas 39 e 41 pode-se perceber o ponto de sua narrativa sendo claramente verbalizado: ‘de sentir, de sentir, de de realizado né? em estar, executando tudo aquilo que

eu fui treinado pra fazer. né?’ Entre as linhas 43-46, Rocca elabora avaliações importantes na construção de sua identidade situada: ‘então, particularmente, eu, minha maior realização foi foi pessoal. porque defender o país, né? é meio, é meio puxado a gente falar que foi pra lá pra defender o brasil’. Percebo, assim, que seus posicionamentos e avaliações contribuem em sua construção como um pára-quedista crítico e consciente de seus ideais e funções sociais. Rocca constrói-se como patriota, mas em momentos onde sua atuação combatente é entendida por ele como inserida em um contexto em que ‘outros interesses’ (usando um termo instanciado por Rocca) também se fazem presentes, além da defesa nacional, o que resta a Rocca é justamente o orgulho e a satisfação em estar liderando uma fração, estar à frente, comandando. Goffman ([1959] 1975:230) argumenta que a performance sócio-interacional, isto é, o efetivo desempenho de nossas identidades sociais, presenteia-nos com a sensação de ser alguém. Creio que nesta passagem, em sua performance narrativa com a pesquisadora, Rocca evidencia uma faceta bastante subjetiva de sua identidade, brindando-se com sensações ontológicas, sentimentos existenciais justamente por ser um pára-quedista.

Nas passagens que se seguem o Capitão Vagner, assim como Rocca, constrói-se gratificado pelo exercício de sua profissão, evidenciando uma faceta subjetiva de sua identidade pára-quedista.

1	V		as fotos da de das atividades da briga:da e as fotos
2			reais também, que eu gosto muito de recordar, assim,
3			ah, as missões, [as missões que nós
4	D		[ah, então? >eu ia te perguntar disso<
5			as missões reais que você: já participou, é, podia me
6			falar de alguma? Situação [que você viveu?
7	V		[ah, a operação paraopebas,
8			que nós fomos pra lá pra pra: fazer um cerco da cidade
9			de paraopebas, que o movimento dos sem-terra tava indo
10			lá uma operação presença de grande vu:lto
11	D		o que você vivenciou lá que te marcou?
12	V		não, eu fui, [é de você é de você
13	D		[qual foi sua função lá?
14	V		eu tava comandando, eu fui pra ser o oficial de
15			comunicações do batalhão e acabei que: teve uma chuva
16			no dia, nós não conseguimos () pelo batalhão, e eu
17			acabei sendo o comandante de uma de um dos pelotões
18	D		sei
19	V		eu era tenente na época. aí acho que é essa, é você
20			realmente se sentir útil, você ver que o soldado ↑tá
21			com munição real, você vê que você ↑tá fazendo uma
22			coisa pra sociedade, você ↑tá barrando, protegendo
23			alguém, isso é TUDO pra gente né?

24	D		aí vem a recompensa? o sentimento de recompensa é aí?
25	V		BASTANTE. [é aí, TÁ AÍ
26	D		[nesses momentos?
27	V		é, é o que: eu não tenho lá fora, assim. eu não
28			consegui achar isso, não eu consegui, como instrutor
29			da aman ((Academia Militar das Agulhas Negras)) eu não
30			consegui achar ta:nto isso como tem aqui, essas
31			emoções
32	D		sei

Entre as linhas 7 e 23 Vagner elabora uma narrativa em que relata uma operação em que atuou como o comandante de um pelotão, atuando como líder. O ponto de sua narrativa é o sentimento de ser útil. Aponto o verbo usado por Vagner na construção desta faceta de sua identidade: ‘se sentir útil’ (linha 20). O uso de tal palavra deixa ver que Vagner leva o ponto de sua narrativa para a seara do sentimento, o campo emocional. Vagner segue entre as linhas 21-23 elaborando uma série de avaliações onde trata de um sentimento existencial proporcionado pelo exercício de sua profissão: ‘sentir útil (...) você vê que você tá fazendo uma coisa pra sociedade, você tá barrando, protegendo alguém, isso é TUDO pra gente né?’. Vagner constrói a imagem daquilo que entende como sua recompensa pessoal pelo exercício de profissão onde corre risco de morte, isto é, ele entende que sua recompensa vem do sentimento de estar protegendo outras pessoas. Creio que com a avaliação ‘isso é TUDO pra gente né?’, em que marca ‘tudo’ prosodicamente, Vagner seja bastante contundente quanto ao seu sentimento de recompensa em proteger pessoas. Na linha 31 Vagner instancia a palavra ‘emoções’ evidenciando que sua atuação profissional lhe proporciona sentimentos e sensações identitárias.

Na passagem seguinte, um prosseguimento da entrevista com Vagner, pode-se notar mais uma vez que este pára-quedista sente-se gratificado existencialmente no exercício de sua profissão.

1	V		a recompensa aqui ela: ela acontece muito mais, tipo:
2			chapéu mangueira, agora, a gente foi subir pra fazer a
3			proteção da da ladeira do Le:me. Então,
4	D		quando foi essa operação do chapéu mangueira?
5	V		não, sei... em junho
6	D		desse ano?
7	V		foi
8	D		e aí? Qual foi tua função nessa operação?
9	V		foi, eu fui como caçador ((atirador de elite)), eu
10			passei em apoio ao bg, batalhão de guardas
11	D		sei
12	V		que eles tavam “né?”
13	D		hum?

14	V	teve uma situação e a gente passou à disposição de lá,
15	D	humhum
16	V	então isso é muito gratificante, assim. essas
17		situações são muito, gratificantes, eu gosto demais
18		assim
19	D	sei
20	V	acho que a razão pra você, estar treinando os soldados
21		é essa, são esses momentos
22	D	humhum
23	V	é o que torna a gente mais ↑útil.
24	D	certo

Ao referir-se ao sentimento de recompensa advindo de sua prática profissional, Vagner elabora uma narrativa em que relata uma operação em uma favela do Rio de Janeiro. Nas linhas 16-18, as avaliações elaboradas por Vagner deixam ver o ponto desta narrativa, que é a gratificação que sente ao agir como um pára-quedista. Noto que a palavra gratificante é instanciada duas vezes, modalizada e intensificada pelo advérbio ‘muito’, além disso a expressão ‘eu gosto demais’ (linha 18) deixa ver que Vagner fala de um sentimento subjetivo, marcando assim este sentimento como o resultado de suas várias experiências sociais envolvendo sua profissão.

Na passagem que analiso a seguir, o Tenente Coronel Ermínio elabora uma espécie de explicação à pergunta que lhe faço acerca daquilo que motiva um pára-quedista a seguir atuante em sua profissão, descrita, narrada e explicada, até então, como desgastante, arriscada e perigosa. A passagem que intitulei usando uma das frases ditas pelo Tenente Coronel Ermínio é “A recompensa é de foro íntimo”.

1	MD	e, assim, pensando na RECOMPENSA disso tudo? onde é
2		que ele se sente recompensado? de onde vem .. é é ...
3		porque eu penso que nenhum ser humano consegue ↑ SÓ
4		<mastigar um lado a-ze-do> e e não ter nada
5		recompensando aquilo. pô mas eu vejo que ele ↑quer
6		continuar, ele ↑tá a fim, ele quer servir aqui depois
7		como capitão, e depois ele quer voltar como major, e
8		depois e se possível ele não quer nunca sair.
9	CE	hum
10	MD	de onde que vem essa recompensa pra realimentar isso?
11	CE	é ... é o dia-a-dia né? bom, eu imagino que seja o
12		seguinte. é, a MINHA RECOMPENSA é que eu tô numa
13		função de comando... então, poxa, quanto mais exigirem
14		dele, claro. melhor vai ser essa fase aí do meu
15		comando. mas ... eu acho que a recompensa é de foro
16		íntimo. sabe, quando você conversa, e e, confessa
17		prum amigo que você superou uma dificuldade ...
18		operacional, e se sentiu bem, que estava melhor que o
19		outro companheiro do lado, etc, isso daí traz uma: um
20		ORGULHO PRÓPRIO muito grande. acho que é inerente aí::
21		ao ser humano mesmo. do meu parco conhecimento aí,

22		desse, na nossa revolução? que os guerreiros contavam
23		né? como é que tinha sido o combate, até como tinha
24		eliminado, como tinha né? alguém que o socorreu num
25		momento de dificuldade, e ele sentir orgulho daquilo
26		... o companheiro ter se ARRISCADO, num momento ali e
27		e ter ficado lado-a-lado
28	MD	são as glórias da vitória né?
29	CE	[É::
30	MD	acho que isso deve mexer muito com com A GENTE com
31		com o ser humano mesmo
32	CE	é é, eu acho que essa coisa é meio do orgulho, de você
33		superar as dificuldades. e como aqui no vinte e seis
34		as dificuldades são maiores, daniela, que nos outros
35		batalhões, por força da QUANTIDADE de missões. a gente
36		recebe muita missão, e atualmente estamos com duas,
37		cumprindo missão pra duas brigadas, a nona brigada e a
38		pára-quedista e ainda mais nós nos mantemos na ação
39		principal da brigada. então acho que isso aí, acho que
40		nos deixa com muito orgulho. daí quando a gente sai da
41		brigada é que a gente tem noção disso aí
42	MD	sei
43	CE	porque aí:: você chega com o seu boot e o seu brevê
44		pra se apresenta::r, É DIFERE::NTE
45	MD	Certo
46	CE	é diferente. os demais militares do exército, eles
47		RECONHECEM isso aí na gente.

Entre as linhas 1 e 8 eu elaboro a pergunta sobre a recompensa que um combatente pára-quedista obtém de uma atuação profissional narrada por todos como extremamente perigosa e sacrificante.

Ao iniciar sua resposta, o Tenente Coronel Ermínio não se refere à tropa como um todo, pelo contrário, ele fala única e exclusivamente de si. Na linha 12, elevando a entonação, ele marca prosodicamente que está falando de si próprio: 'minha recompensa'. O TC Ermínio afirma que sua recompensa é estar em uma situação de comando. Percebo com sua colocação que o sentido subjetivo construído pelo TC Ermínio para a situação em que se encontra o posiciona em destaque em relação à tropa como um todo, já construindo uma imagem de evidência para ele. Figurando hierarquicamente como um líder de sua tropa, o TC Ermínio deixa ver quão importante é para ele o fato de estar comandando e liderando, isto é tomando as decisões, exercendo uma visão de sobrevôo, superior em relação aos demais. Tal situação é, segundo o próprio Tenente Coronel, sua recompensa.

Mais adiante, na linha 15, sensações identitárias são instanciadas pelo Comandante da tropa como algo advindo de suas vivências e experiências. Ele diz que a recompensa 'é de foro íntimo', ou seja, algo que se é experimentado em

termos de emoções e sentimentos. No prosseguimento desta fala ele cria uma série de pequenas narrativas fictivas. Ele se coloca em algumas situações de superação de dificuldades, onde sempre figura o sentimento de orgulho próprio por suas conquistas. Na linha 28, eu ofereço, em co-construção, uma avaliação para suas narrativas, dizendo que seus sentimentos podem ser entendidos como 'as glórias da vitória', com a qual ele concorda, enfático, alongando a prosódia: 'É::'

Há inúmeras outras passagens em que meus entrevistados, como resultado do efeito dramático de suas narrativas, evidenciam emoções existenciais, entusiasmo por reconhecerem-se como indivíduos úteis, cujas vidas são plenas de sentidos em função da profissão que exercem por opção e vocação.

Ofereço a seguir uma última análise. Nesta interação posso perceber que o modo como os pára-quedistas falam dos ideais pára-quedistas faz-se campo fértil para a construção da auto-imagem desses combatentes como homens que exercem a liderança reconhecendo-se em práticas heróicas onde a agência é condição vital das identidades que se quer construir.

5.1.4

“Eu vou resumir isso tudo que você falou numa operação” (Tenente Coronel Ermínio) – Narrativa e a construção da auto-imagem do herói

A passagem é transcrita da entrevista com o Tenente Coronel Ermínio. Nutrido pelos ideais pára-quedistas valorizados no grupo, o Tenente Coronel desenha sua auto-imagem de líder, experiente e competente na passagem intitulada 'Não são palavras ao vento'.

1	MD	é: nessas missões que o senhor teve oportunidade de ir
2		e no dia-a-dia no quartel, o que o senhor poderia me
3		contar sobre é:: agressividade no combate, sobre
4		experimentar o sentimento mais profundo de
5		nacionalidade, sobre espírito de sacrificio, ahh o
6		espírito de corpo, companheirismo... eu tenho
7		percebido isso no discurso das pessoas com quem eu
8		tenho conversado e também nos documentos que eu tenho
9		lido... quer dizer, não tá só no papel, eu tenho visto
10		na fala das pessoas também =
11	CE	= é, bacana isso. é: eu vou resumir isso tudo que você
12		falou numa operação. então o ano passado, em março,
13		início de março, eu assumi o 26 em janeiro. um mês
14		após, nós estávamos sendo empregados naquela operação
15		para recuperar armamento que foi subtraído do ECT =
16	MD	= certo

17	CE	operação abafa. então nós inicialmente fomos para o
18		complexo do alemão, que é um ambiente:: >bastante
19		difícil<. e foi pra lá que o 26 foi. o 25 foi
20		empregado numa área mais tranqüila, um ↑pouquinho, e o
21		27 ficou em reserva. então nós ficamos oito dias
22		↑direto, no complexo do alemão. tomamos uma
23		iniciativa. apresentamos para o comandante da brigada.
24		isso tudo discutido com o estado maior. é:: a
25		iniciativa foi a seguinte. a ordem era permanecer no
26		asfalto, e nós visualizamos ali, numa parte plana da
27		favela, uma operaçãozinha somente de vasculhamento nas
28		vias públicas, pra testarmos o ↑comando e controle.
29	MD	hum
30	CE	e o soldado se sentir ... seguro... entrando numa
31		favela...é:: então foi planejada essa operação e já
32		isso o S3, oficial de operações planejando, essa que
33		seria uma operação futura. pra execução, o ajunto
34		dele, do oficial de operações, é que ficou
35		responsável. e aí o E3 passou a planejar em outra área
36		que nós verificamos que era uma rua ↑muito
37		importa:nte, com algumas retençõ:es =
38	MD	=hum
39	CE	(trilha), essa coisa toda ... e então eu já pude
40		observar ali já no estado maior que eu mal conhecia,
41		havia apenas um mês, né, de batalhão ... e eles tinham
42		esse espírito de: de: é de ↑GRUPO >trabalhar em grupo<
43		eles tinham... bastante MOTIVADOS, muito embora,
44		estivessem ali numa missão um pouco complicada, era um
45		ponto de honra para o exército recuperar o armamento,
46		então... é: a ↑TROPA estava muito ansiosa em
47	MD	[cumprir a missão?
48	CE	[em TER SUCESSO
49	MD	hum hum
50	CE	a gente ↑VIA isso. pois bem, então, nessa outra
51		operação surgiu um informe, e eu consultei o general
52		se eu podia, >essa primeira tava autorizada< ... após
53		receber o planejamento ele autorizou. ↑e aí surgiu um
54		informe MUITO é QUENTE, em relação ao ... esconderijo
55		dessas armas. mas era ↑ LÁ em cima
56	MD	certo
57	CE	[na área deles
58	MD	[tinha que subir lá em cima
59	CE	aí o general me disse, NÃ:O, essa aí você ainda não
60		planejou. eu falei JÁ sim senhor... vou mostrar. aí
61		f:ui, mostre:i, aí ele disse, ficou um pouco
62		preocupado, mas ↑CONFIOU, acho que no... CABEDAL de
63		conhecimento que ele sabia:: ((está falando do seu
64		próprio conhecimento tático-operacional)) eu fiz uma
65		palestra sobre o emprego lá no haiti... e também no
66		que ele já conhecia aqui do batalhão... então foi
67		confiança NA TROPA mesmo. então, resultado... ao subir
68		o complexo do alemão ô daniela, aconteceu o seguinte.
69		houve disparo da:: daquela força adversa contra a
70		tropa, um disparo ... a tropa ... não revidou...
71		seguiu as orientações... então eu tenho o seguinte
72		modus operandi, a tropa que vai ser empregada, vai pro
73		campo de futebol...eu digo pro pessoal sentar e
74		explico direitinho como é que vão ser as regras do
75		engajamento...pra que eles fiquem confiantes. ↑e eu
76		PERCEBI NESSE ATO, já estavam lá em cima, tinham
77		alguns usando crianças como escudo =

78	MD	= olha
79	CE	e ... dispararam, não foi possível identificar ...é:
80		esse elemento que disparou. >mas a tropa também em
81		contrapartida< não reagiu, o tiro que a gente chama
82		tiro de fração, que é o GC, o pelotão ... atirando a
83		esmo
84	MD	hum hum
85	CE	pelo risco do:: ... de haver algum efeito colateral
86		né? atingir um inocente
87	MD	hum hum
88	CE	então eu pude perceber que HÁ essa LIGAÇÃO ali do
89		sargento com os cabos e soldados ... no seu GC ... não
90		são apenas palavras ao vento. é o que acontece com
91		RISCO DE VIDA... risco né? de PERDER A VIDA ... risco
92		de morte né? que agora ta na moda
93	MD	é é
94	CE	então aí resultado...a gente fica bastante orgulhoso
95		de ver que é realmente CORAGEM TEM. >o pára-quedista
96		já tem a coragem né?< é:: é dele, é inato, eu acredito
97		que é inato, ele quer ser pára-quedista ele já sabe..
98		ele TEM a coragem... mas... fazer com que isso aí se
99		mantenha numa situação de ALTO RISCO ... que o
100		↑complexo do alemão é FAMOSÍSSIMO, né? tem lá o
101		comando vermelho e é a base né? é onde tem a maior
102		base deles ... e foi bastante interessante verificar
103		isso aí na tropa ... o tiro pegou entre um praça e um
104		oficial ... e eles se mantiveram tranquilos ... os
105		atiradores de skol viram ... um outro alvo ... tava
106		armado... mas tinham algumas crianças ali do lado
107		...perguntaram se poderiam atirar ... eu cheguei
108		próximo ... observei e tava um tiro de risco. então eu
109		acredito que a força adversa NÃO ofereceu resistência
110		por causa DA MONOBRA QUE NÓS FIZEMOS. fizemos uma
111		manobra interessante, com esse aprendizado todo do
112		haiti ... eu tinha muita gente o ano passado ainda
113		daquela companhia que tinha operado lá... e::: então
114		eu acho que eles ficaram ... INTIMIDADOS né? pelo que
115		a tropa fez. ↑o comandante da companhia de precursores
116		estava no helicóptero que eu havia solicitado pra
117		facilitar o comando e controle ↑ a progressão,
118		coordenar ... e ele de helicóptero elogiou MUITO a
119		tropa ... que eu estava lá no chão, não tinha como

Na linha 11, o Tenente Coronel Ermínio inicia sua resposta, não sem antes avaliar minha pergunta 'é, bacana isso'. Ele se coloca em uma posição de superioridade em relação a mim, pois que é capaz de avaliar o que eu digo. No prosseguimento, o TC Ermínio esclarece que vai resumir os ideais pára-quedistas citados na minha pergunta ao narrar sobre uma operação que comandou. Ele fala sobre a Operação Abafa, operação em que foram resgatadas armas que haviam sido roubadas de um quartel do Exército por traficantes.

Entre as linhas 17 e 28, o TC Ermínio narra sobre a operação que aconteceu no Complexo do Alemão, o conjunto de favelas no Rio de Janeiro tido como altamente perigoso por abrigar o tráfico organizado. O Tenente Coronel Ermínio

esclarece que ele era o comandante da tropa encarregada de recuperar o armamento. Neste ponto ele narra sobre a início das operações, já mostrando-se atuante como o líder daquela tropa.

Na linha 50, o TC Ermínio inicia uma outra narrativa. Desta vez ele narra sobre uma nova ação executada sob seu comando na mesma operação. Ele conta que recebeu uma informação sobre o local exato onde estariam escondidas as armas, moto da operação. Ele segue contando, então, que consultou o escalão superior pedindo autorização para subir o morro e resgatar as armas. Em um primeiro momento, a resposta do escalão superior foi negativa, pois pensavam não ter havido tempo para o devido planejamento. É justamente neste ponto que o TC Ermínio intensifica a construção de sua identidade de *self*. Ele reforça-se como o personagem principal de sua própria história, eis que é o comandante da tropa, seu líder. Na linha 60, usando entonação diferenciada do restante de sua fala, o TC Ermínio sinaliza que surpreendeu o General, seu superior hierárquico no comando da operação, ao fazê-lo saber que já tinha se antecipado e planejado uma nova investida contra os traficantes. Entre as linhas 62 e 67, o TC Ermínio constrói-se como um comandante digno de confiança de seus superiores. Nesta narrativa ele ressalta que já havia demonstrado sua experiência, seu 'cabedal de conhecimentos', usando suas próprias palavras, para seus superiores em palestras que ministrou sobre sua atuação em Missões de Paz anteriores. Ao prosseguir em sua narrativa o TC Ermínio elabora avaliações e resoluções entre as linhas 67 e 77 demarcando o ponto de seu relato: sua própria ação de comando e liderança. Observo neste trecho várias elocuções introduzidas pela palavra 'então', como um sinal de que o que é instanciado deve ser entendido como uma resolução. Devoto atenção especial para a resolução iniciada na linha 71; 'então eu tenho o seguinte *modus operandi* ...', nesta fala o TC Ermínio explica que por iniciativa sua, antes que sua tropa se engaje em qualquer missão, ele reúne todos e, detalhadamente, expõe como a tropa deverá agir. Com esta explicação, o sentido sutilmente construído para sua narrativa é o de que ele, o comandante, o líder desses combatentes pára-quedistas, é o responsável, o mentor do sucesso da operação e do correto procedimento de seus homens. Entre as linhas 94 e 101, em mais resoluções, a questão do orgulho é novamente trazida: 'então aí resultado... a gente fica bastante orgulhoso...'. Assim, a satisfação existencial é mais uma vez

marcada, instanciada e sentida pelo TC Ermínio, construindo através da narrativa facetas de sua identidade de *self*.

Por esta análise, percebo que o TC Ermínio imprime-se como o personagem principal de sua própria narrativa, voltando seu olhar para si, de alguma forma em evidência, destacado da tropa que comanda. À luz de Gergen & Gergen (2001), entendo este narrador-pára-quedista como indivíduo ativo na construção de suas identidades de *self* já que ele é capaz de relacionar eventos e acontecimentos fragmentados ao longo do tempo e construir sentidos para eles como resultado sensível de sua história de vida. Ao analisar as narrativas dos pára-quedistas com quem conversei, posso interpretá-los como heróis construídos e nutridos discursivamente pelo tempo em que vivem, frutos desta cultura.

Passo, no capítulo seguinte, a expor os entendimentos a que pude chegar com as análises realizadas.